

ESTADO DE SÃO PAULO
19 ABR 1995 Depois da greve

A rede pública de ensino do Estado de São Paulo já está parada há 24 dias (15 letivos). O confronto dos professores que ganham salários miseráveis com um governo que se diz quebrado resulta um episódio de banditismo social no qual quem paga a conta são 4 milhões de jovens que não têm nada a ver com a briga, cujos pais pagam religiosamente seus impostos. Nem o governador Mário Covas nem os professores gostam que se chame de banditismo o espetáculo que patrocinam. Ofendem-se, mas em quase um mês de negociações os dois lados foram incapazes de levar para a mesa qualquer proposta que demonstrasse preocupação diante do prolongamento da greve. Também não há vestígio de entendimento paralelo destinado a proteger os estudantes, assegurando-lhes a reposição das aulas perdidas. A garotada arrisca a ficar no dane-se.

Os professores insistem, com razão, na justiça de uma greve quando um mestre ganha menos que um guardador de automóveis. Até aí, como dizia o marquês de Paraná nos memoráveis debates do Império, "estamos conformes". O banditismo social não está na realização da greve, mas no seu prolongamento ao ponto de tornar impossível a reposição, causando um dano irreparável às vítimas, que nada tem a ver com a história.

Alguns professores trazem argumentos que estimulam discussão.

Eiko Shiraiwa, professora aposentada de História, lembra que a situação só chegou ao ponto em que está porque os meios de comunicação se esquecem de cobrar dos governantes as promessas que fizeram como candidatos. Maria Wilma Ferrone Garcia levanta o mesmo ponto e se queixa da indiferença dos intelectuais e da classe artística diante das vicissitudes do magistério público. Todas as queixas têm um ponto comum: os professores sentem-se ignorados, como se estivessem no fundo de um poço, no fim da fila das preocupações da sociedade. É nesse aspecto que eles têm toda a razão.

A questão educacional brasileira está observada de cabeça para baixo. Qualquer assunto relacionado com o ensino supe-

rior mobiliza o governo e os notáveis nacionais. Se o problema for de vestibular, ainda tem platéia. Daí para baixo, a curiosidade só é exercitada quando os pais de crianças da rede privada reivindicam mensalidades mais baratas. A rede pública, onde estão 88% dos alunos entre 7 e 14 anos de idade, é considerada um subcapítulo da questão croata.

Esses jovens não têm alternativa educacional e, em casos que se contam nas centenas de milhares, já conseguiram um nível educacional superior ao de seus pais. Para eles, o que existe é uma rede pública deteriorada onde o governo gosta de se pavonear mostrando experiências pioneiras, mas não conta que seus melhores professores se foram quase todos embora. Os governadores de São Paulo (ressalve-se que Mário Covas, em poucos meses de palácio, não aderiu a este capítulo) adoram inaugurar laboratórios. Claro, saem nos jornais com fotografias onde ficam parecidos com o presidente dos Estados Unidos visitando a

Nasa. Não contam que há uma falta crônica de professores de química, até porque um cidadão que sabe desenhar uma molécula de hidrocarboneto não tem motivo para trabalhar por salário de guardador de automóveis.

É provável que a greve paulista esteja no seu entardecer. Terminará com o governo pagando mais do que queria, os professores recebendo menos do que pediam e os estudantes ameaçados de aprender menos do que precisam. Admitindo-se que tanto o governador Mário Covas quanto os professores entraram no confronto com a melhor das intenções, ambos têm agora uma oportunidade de ouro para demonstrar quem estava defendendo o interesse público. Pode ser que ambos sejam capazes de prová-lo, assim como é possível que nenhum dos dois possa fazê-lo. Basta que consigam repor todas as aulas e sejam capazes de produzir uma documentação confiável. Essa ressalva torna-se necessária porque há quatro anos e três greves a Secretaria de Educação diz que houve reposição, sem mostrar um só pedaço de papel capaz de comprovar essa afirmativa.

Não há vestígio de entendimento para proteger os estudantes: como serão repostas as aulas?